



O futuro dos livros e os livros do futuro p. 3

O AB Sabin completa três anos p. 5

Como a tecnologia pode afetar a educação p. 7

Concluintes contam suas memórias do Sabin p. 9

O novo Hércules

Os bastidores do novo Musical do Sabin, uma demonstração do trabalho em equipe e da harmonia entre os alunos de Teatro p. 10

Qualidade para todos: um desafio

Quais os desafios de uma escola que busca a excelência acadêmica? O que faz uma escola de qualidade? Esses questionamentos inspiraram a 10ª Convenção da Confederação Internacional de Diretores de Escolas (ICP), em Toronto, no Canadá. A convenção aconteceu em agosto deste ano e teve a participação de diretores, vice-diretores, líderes educacionais, pesquisadores, acadêmicos, políticos, representantes governamentais e profissionais de Educação de cerca de 40 países.

Foi a primeira vez que um país da América do Sul esteve presente na *ICP World Convention*. Tive o prazer de representar o Colégio, acompanhada pela coordenadora pedagógica do Ensino Médio, Florinda Manuchaguián. Foi um encontro para a troca de experiências, em busca da qualidade e da equidade em todo e qualquer sistema de Educação. Essa questão, que permeou todas as apresentações durante a convenção, serve como parâmetro para avaliarmos o que temos no Brasil e, mais especificamente, no Sabin.

Existe, na educação brasileira, uma disparidade muito grande entre escolas com altos níveis de aprovação nos exames avaliativos e escolas com baixos níveis. Isso, por si só, já é um dilema que todos nós, como profissionais de Educação comprometidos com o futuro do País, temos de enfrentar. Mas até numa mesma escola a questão da equidade – ou seja, oferecer um ensino de qualidade para todos, igualmente – se mostra um

desafio, pois cada aluno tem seu ritmo de desenvolvimento, suas forças e dificuldades próprias.

No Sabin, buscamos resolver essa questão, na prática, com aulas de apoio, programas especiais de estudo, oficinas de Redação, recuperações paralela e imediata, módulos de aprofundamento, aulas preparatórias para Olimpíadas Acadêmicas e aulas de adaptação. Temos como premissa não apenas oferecer oportunidades de sucesso para todos os alunos, como permitir que cada um desenvolva seu potencial. Trata-se de um olhar individualizado, que leva em conta as escolhas de cada um dentro das possibilidades que oferecemos. Nisso, o Sabin se assemelha a um dos países de maior sucesso educacional, a Finlândia. Tanto lá quanto no Sabin, os alunos têm um núcleo de disciplinas obrigatórias e outro de disciplinas optativas. Aqui, o aluno constrói seu itinerário.

Nesse encontro internacional, tivemos a oportunidade também de confirmar como é importante o aprimoramento constante do trabalho de uma escola. Quando atingimos um patamar, o horizonte se afasta e traçamos novos patamares. Dessa forma, temos sempre o que melhorar no Colégio, e isso requer um trabalho intenso de identificar os pontos que devem ser refinados, pois acreditamos que, quando se sabe em que intervir, a intervenção se dá com mais qualidade.

Assim, caminhamos para um próximo ano letivo de qualidade e oportunidade para todos. ●



Giselle Magnossão
Diretora Pedagógica do Sabin
giselle@albertsabin.com.br

Vitória coletiva

Azul, solidariedade; verde, respeito; amarelo, dignidade; vermelho, justiça. Essas foram as cores usadas pelos alunos do Sabin para partilhar de um momento de convivência harmoniosa e respeitosa: a **XI Olimpíada Estudantil**, que aconteceu entre os dias 23 de setembro e 1º de outubro. A equipe vermelha alcançou a maior pontuação, mas podemos dizer que todas foram vitoriosas ao fazer

dessa Olimpíada uma experiência memorável para toda a comunidade Sabin. Confira os resultados.

VERMELHO	220.361
VERDE	216.626
AZUL	213.894
AMARELO	209.265

EXPEDIENTE Colégio Albert Sabin Ltda. Av. Darcy Reis, 1.901 – Pq. dos Príncipes – São Paulo – SP – Tel.: (11) 3712-0713 – www.albertsabin.com.br – Sabin Mais Cultura e Informação é o órgão de comunicação do Colégio Albert Sabin. **Mantenedores:** Gisvaldo de Godói, Neusa A. Marques de Godói, Cristina Godói de Souza Lima. **Direção:** Giselle Magnossão. **Marketing:** Adriana Vaccari, Patrícia Oliveira. **Colaboradores:** Denise Araújo, Dionéia Menin, Florinda Manuchaguián, Giselle Magnossão, José Roberto Ramalho Pinto, Laércio Carrer. **Diagramação e Arte:** Giovanna Angerami. **Redação:** Alexandre Bandeira, Patrícia Oliveira. **Jornalista Responsável:** Alexandre Bandeira MTb 49.431. **Produção Gráfica:** Ricardo Gomes Moisés. **Fotografias:** Divulgação Sabin, Rodrigo Jacob e Paulo Barcelos. **Ilustrações:** Karla Linck. **Revisão:** Denise Maiolino, Adriana Duarte. **Impressão:** Flor de Acácia. **Esta é uma publicação da Baraúna Comunicação** – Tiragem de 6.000 exemplares – Distribuição gratuita – Novembro de 2011

Sobre letras e bytes

Editor de clássicos adaptados para jovens fala sobre como as novas tecnologias influenciam nossa relação com os livros

O escritor, editor e tradutor **Fernando Nuno** é um ávido leitor de obras clássicas desde a infância. Não é por acaso que, em sua vida adulta, Nuno tenha sido responsável pela publicação de títulos como *Moby Dick*, *A Volta ao Mundo em 80 Dias* e *As Viagens de Gulliver*, ilustrados e adaptados para o público infantojuvenil. Os três, aliás, utilizados pelos alunos do 5º ano do Sabin. Como amante dos livros e profissional do mercado editorial, preocupado com a formação das novas gerações, ele tem opiniões importantes sobre as tecnologias que podem influenciar os leitores do século XXI, para o bem ou para o mal. Aqui, o autor analisa o cenário das letras no mundo 2.0.

A internet pode influenciar positivamente nos hábitos de leitura?

A internet acontece essencialmente por escrito. Leem-se sites, blogs e tuitadas. Os erros ortográficos são comuns e, geralmente, não há autocensura, mas acredito que o saldo seja positivo, pois a internet colabora para a difusão do hábito de leitura. Pode-se considerar que uma parcela desses leitores de telas lerão também outras coisas, como livros. No entanto, considero essa leitura de qualidade inferior se comparada à leitura de livros em papel.

Como o Sr. avalia a qualidade dessa “leitura de telas”?

Não se pode esperar que a qualidade da absorção seja muito alta quando os estímulos são tão díspares. O risco de cristalizar ideias confusas existe. Mas esse risco também existe para quem não lê nada. A questão é encontrar o equilíbrio entre quantidade e qualidade.

Qual o papel dos livros de papel no século XXI?

Para os que cresceram lendo livros de papel, a tendência será continuar a ler

no papel, embora, para ganhar tempo nas coisas que demandem menos concentração, valha a pena ler também no meio eletrônico. Para os que já nasceram habituados ao livro digital, o livro de papel servirá como uma atração extra a ser vivenciada por mais tempo e com carinho – algo semelhante ocorre com a descoberta do vinil pelas gerações que nasceram nas eras do CD e do iPod.

E os livros digitais?

Os livros digitais oferecem tantos recursos que, muitas vezes, o atrativo principal é o jogo, e não o conteúdo. Eles servirão, principalmente, para fazer consultas, em obras de referência, para serem lidos numa viagem de avião ou para leituras rápidas de obras que não precisam ocupar tanto espaço na estante de casa. Acredito que todos os meios conviverão, e sempre haverá espaço para a leitura de livros impressos.

Como o mercado editorial está se desenvolvendo para as próximas décadas?

O livro digital não está vendendo tão bem como se esperava. Nos Estados Unidos,



investe-se bastante na nova tecnologia, enquanto na Europa os principais editores estão resistindo à versão eletrônica dos livros, devido ao medo de “canibalizar” seu próprio negócio. Ainda existem muitas dúvidas sobre os rumos na área.

Tomando emprestada a reflexão do escritor italiano Ítalo Calvino, “por que ler os clássicos”? O que essas obras têm a oferecer para a geração 2.0?

Os clássicos são os livros que apresentam as ideias mais importantes e essenciais que a humanidade já teve. Lê-los é tomar um “atalho” para a aquisição de consciência e sabedoria. Consiste em incrementar a inteligência, ter como ponto de partida um lugar mais avançado na corrida pela sobrevivência. Os clássicos têm oferecido tudo isso à geração 2.0, que os tem recebido com o mesmo entusiasmo e prazer que as gerações anteriores. ●



Teatro e gostosuras

Na cidade de Sinfonia, todos os sons musicais foram roubados por uma figura misteriosa. Ao visitar a cidade, a cantora de ópera Belinha Sabiá se vê envolvida nessa trama, e vai ter de enfrentar o temido Fantasma da Máscara. Mas quem é esse fantasma? Foi o que os alunos do 3º ao 5º ano do Fundamental I descobriram ao assistir ao musical "O Fantasma da Máscara" (foto), durante a **Semana da Criança**, em outubro. "Fiquei com medo, mas achei as músicas muito divertidas", disse Maria Laura Gaeta, do 3º ano A. Já as turmas da Educação Infantil e do 1º e 2º anos assistiram ao musical "Os Três Porquinhos" – numa versão diferente, na qual o Lobo Mau não é tão mau assim e os porquinhos se chamam Rodela, Pururuca e Costelinha. Deu fome? O que dizer então do *buffet* de guloseimas oferecido à turma para recuperar as energias depois do Passeio Ciclístico? Isso mesmo! A Semana da Criança no Sabin teve muita diversão, gostosura e energia!



Natal
de
Brinquedo

Um senhor de barba branca, bochechas e gorro vermelhos recebe a todos na recepção do Prédio Da Vinci. Ao seu lado, uma grande caixa de presentes! Velho conhecido das crianças, o Papai Noel espera que voluntários ajudem a tornar este Natal mais solidário. A intenção é arrecadar o maior número de brinquedos novos ou em bom estado para serem doados às instituições que o Sabin apoia. Faça sua doação até 6 de dezembro.

Conversa produtiva

Pais e filhos falam a mesma língua? Às vezes, parece que não. Mas a pedagoga **Telma Vinha**, que esteve no Sabin recentemente para abordar **o diálogo entre pais e filhos**, desmistificou a questão de maneira simples. Leia algumas dicas da especialista para facilitar esse relacionamento.

► USE LINGUAGEM OBJETIVA

"A maior dificuldade em qualquer relação é falar sem emitir opinião. Forneça dados para que a criança tire suas próprias conclusões e reflita, por si mesma, sobre as perdas e os ganhos de uma determinada atitude."

► RECONHEÇA O SENTIMENTO DO SEU FILHO

"Mesmo quando discordamos, é preciso reconhecer o que o outro sente como legítimo. Caminhe em direção aos sentimentos da criança ao invés de criticá-la, estabelecendo uma relação de confiança, e ela se sentirá amparada."

► MOSTRE AUTORIDADE

"É pouco inteligente usar a ameaça, travando uma batalha com a criança. Concentre-se no problema! Seja firme, sem demonstrar desequilíbrio nem agredir a dignidade do seu filho."



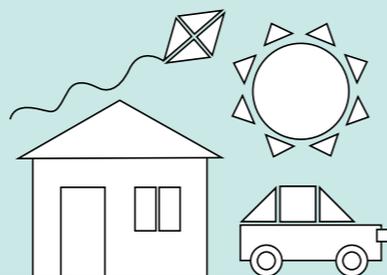
Brincando no tapete

Para trabalhar o conteúdo de Geometria, mais especificamente os conceitos de espaço

e forma, os pequenos do **Pré I** confeccionaram, com o auxílio das professoras e da família, **tapetes geométricos**. "A partir da personalização do tapete de cada um, trabalhamos percepções de forma, possibilitando a aquisição do vocabulário geométrico", diz a assistente de coordenação da Educação Infantil, Isabel Pereira Amâncio. Mas o aprendizado não parou por aí. A atividade deu origem a um grande jogo, no qual os alunos separaram os tapetes dos colegas por forma, cor e quantidade. Os tapetes também serviram para os pequenos se acomodarem enquanto ouviam histórias na Biblioteca e em sala de aula.

passatempo

Vamos colorir essa figura? Pinte triângulos de laranja, círculos de amarelo, quadrados de vermelho e retângulos de azul.



Seguindo em frente

O AB Sabin completa três anos no caminho certo

Pode parecer prematuro avaliar a trajetória de um colégio com apenas três anos de existência. Mas, quando se trata de Educação Infantil – primeira fase escolar, de fundamental influência na formação subsequente de uma criança –, cada ano conta. E, em 2011, o AB Sabin, unidade-irmã do Sabin voltada para a Educação Infantil, completou seu terceiro ano com motivos para se orgulhar.

"O AB já se consolidou como escola referência na região, inclusive com grande lista de espera", diz a diretora pedagógica do Colégio, Monica Mazzo. "Em parte isso se deve ao respaldo da marca Sabin, mas também reflete a qualidade do nosso trabalho, que traz diferenciais".

Segundo Monica, o primeiro diferencial do AB Sabin é ter sido projetado especificamente para atender às necessidades de crianças na faixa dos 2 aos 5 anos. Uma característica que fica evidente para qualquer um, como demonstra o Sr. Nilson, pai de Matheus de Melo Cruci, 5 anos, aluno do AB Sabin desde a fundação do Colégio: "Notamos o cui-

dado com a segurança e o bem-estar das crianças nas vigas emborrachadas, no tamanho reduzido das mesas, em tudo".

Mas Monica se refere também às necessidades pedagógicas, psicológicas e sociais dos alunos, ao ressaltar que no AB Sabin a Educação Infantil não é sinônimo de brincadeira. "Há quem veja essa fase como um momento de simplesmente deixar a criança brincar", diz ela. "Mas nós acreditamos que as brincadeiras têm propósito pedagógico, que é o de *criar descobertas*. Não adianta oferecer infraestrutura atraente, como o bosque ou o chafariz, se não houver essa intenção".

A brinquedoteca do AB Sabin é um bom exemplo disso. Dividida em ambientes que simulam um mercadinho, uma *pet shop* e uma casa com quarto, sala, cozinha e garagem, a brinquedoteca proporciona diversão, sim, mas também dá oportunidade aos alunos de vivenciarem papéis e experimentarem, por meio de representação simbólica, as regras das interações sociais.

Outro diferencial apontado por Monica são os critérios de seleção da equipe docente. Todas as professoras do AB Sabin têm pós-graduação e experiência em sala de aula. E as que buscam aprimorar sua formação são estimuladas pela diretoria, como é o caso da professora Milene

Carla Moraes, matriculada num curso de extensão oferecido pelo AB Sabin. Milene elogia também o trabalho das assessorias em Língua Portuguesa e Matemática contratadas pelo Colégio: "Nós nos reunimos com as assessoras para discutir planos de aulas e avaliar os resultados", diz a professora. "Assim refinamos o trabalho coletivamente". Para Milene, esse trabalho em grupo é essencial: "Não penso nas crianças só como 'meus alunos', mas como alunos da escola. Todos são fundamentais: professores, coordenadores, colaboradores e, inclusive, as famílias".

A professora Ayni Shih Liu concorda, lembrando que o AB Sabin teve a vantagem de contar com um patrimônio pedagógico: "Nossa linha é socioconstrutivista, mas existem diferentes formas de atuar nessa linha, e foi muito bom termos um modelo de nascença, o do Sabin", diz ela. "Semanas antes de iniciarmos as aulas, em 2009, tivemos a chance de conhecer umas às outras e alinhar nossa prática por esse modelo. Temos um grupo coeso". E essa é outra característica notada pelo Sr. Nilson: "Todo mundo é envolvido e muito carinhoso com as crianças", diz o pai do Matheus, que, em 2012, parte para uma nova fase, agora no Ensino Fundamental do Sabin, onde novas descobertas o aguardam. ●

Belezas de Bonito

Um mergulho nas águas cristalinas do rio Olho d'Água, na cidade de Bonito (MS), finalizou um ciclo para os alunos do **9º ano**.

Na **viagem de formatura** das turmas, eles exploraram as belezas da Gruta do Lago Azul, fizeram trilhas, desceram cachoeiras e conheceram a fauna e a flora locais. Mas foi com sabor de despedida que os alunos compartilharam essas emoções com os amigos e professores que os acompanharam durante todo o Ensino Fundamental II. Agora, a equipe do Médio os receberá com a mesma dedicação, acompanhando-os por mais três anos que prometem novos desafios e oportunidades.



No interior da Gruta do Lago Azul, em Bonito (MS): cenário para a formatura dos 9ºs anos

O fim de um ciclo

Se para os alunos do **9º ano** a transição para o Ensino Médio é em clima de festa, para a equipe pedagógica esse momento é de profunda reflexão.

Todos os anos, em outubro, esses alunos fazem uma prova com questões de várias disciplinas – História, Geografia, Física, Química, Matemática e Português – que serve para avaliar não apenas os conhecimentos da turma, mas o andamento do trabalho pedagógico. “A **avaliação diagnóstica** é um instrumento essencial para fornecer dados sobre o trabalho do Fundamental II e definir ajustes, além de orientar a equipe do Médio sobre as potencialidades dos alunos”, diz o coordenador pedagógico Laércio Carrer.

Répteis no Sabin

Do que a jiboia se alimenta? Onde fica o ouvido do lagarto teiú? Essas foram algumas das perguntas feitas pelos dez alunos do **7º ano do Fundamental II** que participaram de uma matéria jornalística exibida em 5 de outubro, no SBT, sobre espécies **animais em extinção**. A ONG Voz Ativa Pet Hobbyistas trouxe para o Laboratório de Biologia do Sabin um cágado de barbicha, um jabuti, uma jiboia e um lagarto teiú e, sob a supervisão da professora Priscilla Michel Issuani, de Ciências, esclareceu dúvidas do grupo sobre os animais em questão. O resultado pôde ser visto também nas telas da TV Sabin.

passatempo

Há um erro nesta nota: um desses quatro animais não pertence ao mesmo grupo dos demais. Descubra qual é e por quê.

Crescendo nas Olimpíadas

Este ano foi agitado para nossos atletas acadêmicos. Nunca tivemos tantos alunos selecionados para as últimas fases das **Olimpíadas Brasileiras de Física (OBF) e de Matemática (OBM)**, que ocorreram em outubro (veja quadro). Segundo o assessor de Matemática, Dalson Graça, “o aumento na média de finalistas significa que o grupo tem crescido de maneira homogênea, trazendo melhores resultados”. Ricardo Tsuzuki, ouro na Paulista de Matemática (OPM) e bronze na OBM em 2010, é um dos exemplos desse trabalho bem-sucedido. O aluno do 8º ano, novamente premiado na OPM (bronze, medalha também conquistada por Artur Laurindo, do 6º ano), acredita que o módulo o ajudou a desenvolver uma metodologia de estudo. “No módulo, aprendi a ter uma estrutura clara de raciocínio, além de treinar as várias formas de fazer um mesmo exercício”. Agora é esperar os outros resultados.

Evolução nas Olimpíadas Acadêmicas: o número de finalistas do Sabin aumenta

	OBM	OPM	OBF	OPF
2010	4 finalistas	10 finalistas	12 finalistas	24 finalistas
	3 premiados	1 premiado	8 premiados	9 premiados
2011	8 finalistas	10 finalistas	16 finalistas	26 finalistas
	Resultados em 2012	2 premiados	Resultados em 2012	Resultados em 2012

Conectados

Como deve ser a relação da escola com celulares, internet e redes sociais

São dúvidas que todo pai ou educador já deve ter considerado: quanto tempo é tempo demais para uma criança passar na internet? Quantas horas por dia em *sites* como *Twitter* e *Facebook* são compatíveis com uma rotina de estudos e atividades extracurriculares? Como as modernas tecnologias da comunicação podem afetar a formação das novas gerações?

As respostas a essas perguntas não são simples, como sabe o coordenador pedagógico do Ensino Fundamental II, Laércio Carrer. “Não vamos chegar a uma medida razoável do uso das novas tecnologias se não considerarmos a realidade desses meninos”, diz Laércio.

Ele começou a fazer tais reflexões a propósito de uma pesquisa do departamento de Marketing do Sabin com alguns alunos. Segundo a pesquisa, jovens do Ensino Médio dizem passar, em média, 5 horas por dia conectados ao *Facebook*, além de constantemente usar seus celulares para conferir *posts* dos colegas nos intervalos das aulas. Já os alunos do Ensino Fundamental II, com menos obrigações que seus colegas mais

velhos, dizem ficar conectados “o tempo que for possível”. Se a princípio isso pode indicar falta de tempo para os estudos ou para interações sociais “na vida real”, é preciso considerar que, para as novas gerações, *estar conectado faz parte da vida real* e que as redes sociais também servem para tirar dúvidas sobre conteúdos das aulas e se informar sobre o dia a dia.

Como definir, portanto, o bom e o mau uso das novas tecnologias? Para Laércio, a resposta está na formação ética.

Ele cita, como exemplo, a quantidade de alunos repreendidos por usarem celulares durante aulas, para acessar redes sociais ou mandar mensagens, apesar da proibição do Colégio. “Entendo que, para eles, usar o celular seja tão natural quanto ver as horas no relógio”, diz Laércio. “Mas, além de colocarmos cartazes nas salas, informamos que, por lei, no Estado de São Paulo, o uso do celular durante uma aula não é permitido. É regra, que precisa ser seguida”.

“Os alunos não gostam muito de ser advertidos”, reconhece a professora Valceli Carvalho, que dá aulas de Língua Portu-

guesa para o 8º ano e de Redação para o 9º. “Por vezes, eles deixam os aparelhos sobre as mesas e até olham o horário, o que é aceitável; o incômodo mesmo é quando tentam se esconder para mandar mensagens”.

A questão é: por que os alunos não assimilariam essa regra tão bem quanto a de que é proibido arremessar bolas de papel em sala de aula, por exemplo? Talvez porque a tecnologia – o celular, no caso – crie a ilusão de ser regida por suas próprias regras. “Veja outro exemplo: um aluno faz um comentário ofensivo a um colega na internet e logo é apoiado por outros. Esse mesmo aluno não agrediria o colega pessoalmente, porque sabe que é errado, mas na internet ele tem a impressão de que é permitido, ou pelo menos seguro”, diz Laércio. “Temos de ensinar que não existe uma ética virtual e uma ética real. A ética é uma só”.

“Em suma: não podemos negar as ferramentas”, diz Laércio. “Os alunos vão usar a internet e os celulares cada vez mais, mas queremos que o façam da forma correta. Para isso, precisamos abrir o diálogo, caminhar juntos”. ●

O valor do Brasil

Qual é o papel do Brasil no contexto atual das relações internacionais? Qual a ideia que o resto do mundo faz do Brasil e dos brasileiros? Para discutir essas perguntas com os alunos da **3ª série do Ensino Médio**, esteve no Sabin, em 1º de novembro, o professor **Moisés Marques**, coordenador do Bacharelado em Relações Internacionais da Faculdade Santa Marcelina. Os grandes blocos de poder atuais, como o BRICS, e as negociações em torno da ONU foram alguns dos temas abordados na palestra. "Em pouco mais de 30 anos, o Brasil passou a fazer parte dos grandes arranjos globais, não mais na posição de coadjuvante, mas de ator relevante, ocupando a posição de provável quinta economia do mundo", analisa Moisés. Uma reflexão que será muito útil para as provas de atualidades dos próximos vestibulares.

passatempo

O BRICS é um grupo de cinco países emergentes com influência cada vez maior na economia mundial. Você sabe quais são?



a) Brasil, Romênia, Índia, Chile e Albânia

b) Bolívia, Rússia, Irã, Coreia do Sul e Senegal

c) Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul



A turma das 1ª séries do Médio: cavernas e Mata Atlântica

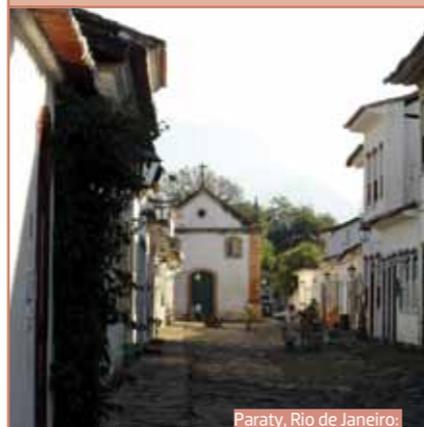
Natureza dentro e fora da caverna

"...do teto de uma poreja, solta no tempo, a agüinha (sic) estilando salobra, minando sem fim um gotejo; que vira pedra no ar, se endurece e dependura, por toda a vida..." – Guimarães Rosa

A "pedra no ar" descrita poeticamente por Guimarães Rosa é conhecida como estalactite, uma formação típica de cavernas iguais às que os alunos da **1ª série do Médio** visitaram em 17 e 18 de outubro, no **Parque Estadual Intervales**. Localizado em uma reserva de Mata Atlântica, no Vale do Ribeira, o parque foi criado em 1995 e, somado ao Parque Estadual Carlos Botelho e ao Parque Estadual Turístico do Alto Ribeira (PETAR), compreendem 120 mil hectares de muitas surpresas. É uma área que abriga diversos animais ameaçados de extinção, entre eles o mono-carvoeiro, a onça-pintada, a lontra e o gavião-penacho. Lá, as turmas puderam observar conteúdos estudados durante o ano, como os biomas, a geologia, o relevo e a hidrografia brasileira, coletando informações sobre o perfil da mata, a vegetação, a fauna e a cadeia alimentar local.

Pisando no chão da história

Conhecer o Complexo Nuclear Almirante Álvaro Alberto, onde se localizam as usinas termonucleares Angra I, Angra II e Angra III, foi um dos pontos altos do estudo do meio realizado pelas turmas da **2ª série do Médio**, em meados de outubro. Mas não foi o único. Em **Paraty (RJ)**, os alunos se surpreenderam não apenas com a vida no mangue, mas também com a arquitetura local, que preserva até hoje traços do Brasil colonial. De volta ao Colégio, eles tiveram de analisar todos os dados coletados – como condições climáticas, animais e vegetação do local – para finalizar o conteúdo aprendido nas aulas de Física, Biologia, Geografia e História durante o ano letivo.



Paraty, Rio de Janeiro: passado preservado



Canção da despedida

Quatro alunos compartilham memórias em seu último ano de Sabin

Nenhum deles era nascido quando a música *The Time of My Life*, do filme *Dirty Dancing*, estourou nas rádios como uma das mais tocadas de 1987. Mas é provável que, daqui a 25 anos, os alunos da 3ª série do Ensino Médio do Sabin sintam o mesmo que seus pais devem sentir ao ouvi-la ainda hoje: a saudade de uma das melhores fases da juventude.

A música, agora numa nova versão assinada pelo grupo *Black Eyed Peas*, foi a escolhida para a dança que as 3ªs séries apresentaram na abertura da XI Olimpíada Estudantil, em 23 de setembro. A apresentação será lembrada como um dos últimos e mais especiais momentos de uma convivência de anos – para muitos, de uma vida inteira – entre alunos que estão prestes a deixar o Sabin.

"Foi muito legal: todo mundo se juntou, de todas as cores", diz **Bruna Vaz**, aluna do Sabin desde 2000. Ela entrou no Colégio no 1º ano do Fundamental I (à época, considerado Pré). Participou de diversas Olimpíadas Estudantis e diz que a integração nesses eventos é uma das melhores lembranças que vai levar para a vida adulta. "Nós nos relacionamos com pessoas com quem normalmente não falaríamos, como as alunas da Educação Infantil. Até hoje, as pequeninhas vêm falar conosco e nos beijar".

Mas não é só nas Olimpíadas que a integração é vista como marca do Sabin. **Luiz Fernando Cardoso**, que entrou no Colégio no mesmo ano que Bruna, lembra que "a gente passa mais tempo aqui do que com nossas famílias". O rapaz não tem dúvidas de que as amizades feitas nestes 11 anos são frutos do clima de boa convivência que existe no Sabin.

O conluente **Augusto Francisco Schulz**, por exemplo, teve bem menos

tempo para criar amizades, mas vai deixar o Colégio se sentindo tão integrado quanto seus colegas. "Cheguei aqui na 1ª série do Médio", diz Chico (como é conhecido). "Mas já na primeira semana parecia que eu era um dos mais antigos, brincava com todo mundo". A coordenadora pedagógica do Ensino Médio, Flórida Manuchaguian, conta uma história ligeiramente diferente: "Ele chegou aqui meio atrevido, questionando tudo; hoje está tão amadurecido!" Chico admite: "Sempre fui crítico. Se um professor me chamasse a atenção em sala de aula eu ficava emburrado. Com o tempo, aprendi a ter mais respeito, a ser mais atencioso".

Não que ele tenha perdido a irreverência. A conversa inteira, aliás, foi em clima de descontração. A aluna **Sophia Porto**, que está no Sabin desde os 2 anos de idade, também admite ter sido bagunceira no 8º ano: "Eu era uma peste", diz a menina. "Ficava falando alto em sala de aula".

Mas, se todos riem com essas lembranças, é porque já se percebem mais maduros. "O Sabin me formou como pessoa", diz Sophia. "O respeito ao outro é uma lição que todos aprendem aqui", diz Bruna. Chico reforça: "Aqui tem muita diversidade e mesmo assim todo mundo é amigo".

Às vésperas de se despedirem dos colegas, os quatro alunos dão o mesmo conselho para os que ficam no Sabin: "Aproveitem todos os momentos. Deem valor aos amigos". Uma mensagem que já havia ficado clara dias antes, na dança das 3ªs séries, quando eles cantaram a mesma música que embalou seus pais há 25 anos: *Eu tive o momento da minha vida/ Nunca me senti assim antes/ Eu juro que é verdade/ E devo tudo isso a você.* ●



Bruna Vaz (com o irmão, Gabriel): saudade das Olimpíadas



Sophia Porto: "Eu era uma peste no 8º ano"



Bruna, Sophia e Chico: "Aproveitem todos os momentos"



A criação coletiva de um deus

Alunos do Teatro levam o musical *Hércules* ao palco do Anfiteatro Picasso

A cena é de tensão: após fazer com que Hércules perca suas forças, Hades – o governante do Mundo Inferior – ordena que os temíveis Titãs invadam o Olimpo e derrotem Zeus. Diante do ataque iminente, Zeus grita ao mensageiro, Hermes: “Lance imediatamente um contra-ataque! Vai!” Ao que Hermes responde: “Já fui, nego!”

Detalhes irreverentes assim acontecem a todo momento no Musical *Hércules*, apresentado de 18 a 26 de novembro no Anfiteatro Picasso. Bem-humoradas, essas tiradas refletem a intervenção dos próprios atores, que, como é costume nos trabalhos de Teatro do Sabin, colaboraram ativamente nas diversas tarefas envolvidas na montagem da peça, inclusive no roteiro. “Aqui todo mundo faz um pouco de tudo”, diz o professor de Teatro, Ricardo Sonzin Jr. “Os alunos dão

sugestões de caracterização de personagem, de figurinos, de direção de cenas, e foram eles que cuidaram do roteiro”.

Baseado na longa de animação da Disney, *Hércules* foi escrito a várias mãos a partir das legendas do filme original. “Pedi que eles fossem ‘limpando’ o roteiro para chegar à nossa versão”, diz Ricardo. Nesse processo de “limpeza”, porém, os alunos não se furtaram a colocar criações próprias, desde piadas até personagens e canções novas (a paródia de *New York, New York* sobre a cidade de Tebas, por exemplo, não existe no desenho original).

Nesse trabalho coletivo, no entanto, um aluno merece o crédito de autor principal. “O professor Ricardo deu para cada um de nós quatro páginas de legendas para adaptar, mas eu me empolguei tanto que adaptei o filme todo antes do pra-

zo”, diz Paulo Felipe Barboza Leider, da 1ª série do Ensino Médio. Por sua rapidez, a versão de Paulo Felipe foi aceita como roteiro-guia, ao qual foram acrescentadas contribuições de seus companheiros. “Ele se dedicou muito, tomava a iniciativa de dirigir os colegas; ele está muito entusiasmado”, diz o professor.

Entusiasmo que o aluno atribui à sua admiração pelo desenho. “Sempre gostei de *Hércules*, desde que o assisti pela primeira vez”, diz. Mas talvez a empolgação também se deva ao fato de que, na peça, ele interpreta o seu papel de maior destaque até hoje num Musical do Sabin (este é o seu quarto ano). Coube a Paulo Felipe encarnar o infernal vilão, Hades.

“Eu vejo o Hades como uma estrela rejeitada”, diz o ator sobre sua caracterização. “O Mundo Inferior é como uma casa de shows decadente que ele coman-

da, o que tem a ver com a visão do professor Ricardo de fazer uma peça ao estilo dos grandes musicais da Broadway”.

A comparação com a Broadway parece ambiciosa, mas não é. “O nosso Musical está cada vez mais complexo”, diz Ricardo. Segundo ele, a cada ano o grupo avança um pouco nos efeitos especiais e na competência musical dos atores. “Este ano temos um coro de nove musas narradoras, que são alunas do Coral com ótimo domínio de voz. Elas são um dos destaques da peça, com certeza”.

Ricardo ainda confessa o sonho de ver os atores cantando ao vivo nos próximos anos. No modelo atual, canções e trilhas sonoras do Musical são pré-gravadas pelos alunos e reproduzidas em momentos específicos da peça – o que, aliás, requer atenção redobrada do elenco para o ritmo cronometrado das cenas. “O Musical não dá tanto espaço para o improviso, e os atores têm de estar bem mais preparados”, diz o professor.

Não é por acaso que os papéis de destaque fiquem com os mais experientes, como Eduardo Borelli de Vasconcellos, da 1ª série do Médio, que faz o desajeitado herói, Hércules. Aos 15 anos, Eduardo já tem seis anos de Teatro no currículo, como aluno do Teatro-Escola Célia Helena, e há três participa do grupo do Sabin. Franzino, o garoto não seria uma escolha natural para viver o personagem-título, e ele se diverte ao pensar

em si mesmo como símbolo de força divina. Mas demonstra segurança ao falar da personalidade de Hércules: “Ele é um criança. Tem a força, mas não sabe usá-la. É durante o espetáculo que ele amadurece e se torna um verdadeiro herói”.

Quem o ajuda nessa tarefa é o sátiro (ser meio homem, meio bode) Phil, vivido pelo também veterano de musicais Victor Luvisotto Rodrigues, da 2ª série. “Ele é um treinador de heróis frustrado com os ex-pupilos, principalmente Aquiles, derrotado por causa do calcanhar”, diz Victor. Diferentemente do original da Disney, porém, na versão do Sabin, Phil tem um assistente, o Mano Joe – um personagem que serve como mais um exemplo do trabalho colaborativo do grupo.

“Dividimos alguns personagens para dar espaço para mais atores no elenco”, diz Ricardo. “É também uma oportunidade de trabalhar a caracterização: os alunos constroem personalidades diferentes para um mesmo papel”. O Mano Joe, em questão, é o aluno Paulo Vicente Gaeta, do 8º ano do Fundamental II, que aproveitou a experiência do companheiro Victor para criar um assistente mais empolgado que o chefe – e mais “mano”, na gíria da periferia de São Paulo.

Só nos resta conferir o resultado desse grande e hercúleo esforço coletivo. ●



Na página ao lado: o elenco reunido. Acima: o coro de musas. Abaixo: Phil e Mano Joe treinam o herói; Hércules e seus pais (Zeus e Hera); e os diabretes de Hades





Ítalo Rufca Catelli Fernandez
é aluno da 2ª série D do Ensino
Médio e autor desta matéria

A voz e o coração



Alunos do Coral aprendem e se divertem com muita afinação

Um grupo de alunos que se diverte cantando, aprendendo novas músicas, novas técnicas, além de estar sempre fazendo apresentações, dentro e fora do Colégio. Assim são as **aulas de Coral no Sabin**, uma das modalidades culturais do Programa Sabin+Esportes&Cultura.

Os participantes são divididos em três corais: um dos 2^{os} e 3^{os} anos do Ensino Fundamental I (são duas turmas, uma pela manhã e outra pela tarde, que recebem aulas da professora Mariana Carvalho); outro coral dos 4^{os} e 5^{os} anos (também duas turmas, manhã e tarde, com a professora Angélica Nicheletti); e o Coral Oficial do Colégio, regido pelas professoras Angélica e Elaine Cristina de Oliveira. Para participar dos dois primeiros corais não tem segredo, basta você se inscrever no Programa Sabin+Esportes&Cultura. Já para entrar no Coral Oficial, você precisa estar no 5^o ano ou numa série mais avançada e passar por um teste vocal, que normalmente é realizado no começo do ano. As turmas de Coral têm, em média, de 45 a 60 alunos.

No Coral, aprendemos técnicas fundamentais para poder cantar. Uma delas é a utilização do diafragma (musculatura que controla a saída do ar, que fica abaixo dos pulmões) para “soltermos” a voz; do contrário, forçamos nossas cordas vocais. É um trabalho que envolve concentração e controle, pois só assim alcançamos a afinção necessária para cantar. Além disso, no Coral Oficial, a turma é dividida em três vozes: 1ª, 2ª e 3ª. A primeira voz é o naipe mais agudo do coro, executada por aqueles que alcançam as notas mais altas. Já a segunda voz é o centro do coro, tão fundamental quanto a primeira, porém em tons mais graves. Por fim, mas não menos importante, a terceira voz, executada pela menor turma do grupo – composta apenas por meninos –, é a parte do coro responsável pelos tons mais graves.

Em sua história, o Coral Oficial já participou do EcoArt (encontro de corais da Zona Norte de São Paulo), fez apresentações de Natal, além de sempre marcar presença no tão esperado Musical de final de ano do Colégio. Para se preparar para esses eventos, o grupo se reúne todas as

quintas e sextas-feiras, das 18h às 19h30, no mezanino do Prédio Picasso, onde estudamos as músicas e, para algumas delas, até ensaiamos coreografias com o professor de Teatro, Ricardo Sonzin Jr.

Segundo comentários de alguns pais e professores, “o Coral é tão contagiante que sentimos vontade de cantar junto”. Uns afirmam que as apresentações “nos fazem sentir aquele gostinho de quero mais”, enquanto outros apontam as vantagens para a formação dos cantores, notando que “as crianças ficam mais desinibidas” e que “[o Coral] é uma atividade que não envolve competição e que se organiza pelo princípio da cooperação mútua”.

Já os coristas dizem que “no Coral se canta com o coração, e aprendemos novas línguas com as músicas”; “é divertido, fazemos novos amigos”; “cantar nos traz alegria e bem-estar”. Por esses motivos, todo ano o Coral do Sabin se supera, por ter alunos que se dedicam, gostam do que fazem, além de sempre contarem com o apoio das famílias, que, como vocês sabem, são quem nos incentivam e nos prestigiam. ●

